



INTERNACIONALIZAÇÃO COMO PRÁTICA LOCAL MEDIADA PELA TELECOLABORAÇÃO

Carla Corsini Rezende da Costa Fernandes¹

Resumo: Nos últimos anos, aspectos sobre os processos de internacionalização têm sido largamente contemplados nas instituições de ensino superior. Este trabalho apresenta um recorte de minha dissertação de mestrado que enfatiza uma particularidade bem marcante desses processos, a prática local. Como professora de língua inglesa e influenciada por metodologias que abarcam a internacionalização e a globalização, trago o Projeto de Telecolaboração (GUTH; HELM; O'DOWD, 2012) realizado na UEMS como um exemplo de internacionalização como prática local. A Telecolaboração é um intercâmbio cultural online que se refere à atividade de envolver alunos de línguas na interação e no trabalho de projeto colaborativo com parceiros de outras culturas por meio do uso de ferramentas e interfaces digitais de comunicação (O'DOWD, 2012). A partir de análises de natureza qualitativa, com aspectos da epistemologia da emergência (SOMERVILLE, 2007), busco compreender de que maneira as ações do projeto em questão colaboram nas percepções e construções de sentidos dos participantes, professores e futuros professores de inglês, do Canadá e do Brasil – no que diz respeito ao ensino de língua inglesa. Para tecer um melhor entendimento acerca dessas questões, pautei-me em autores como De Witt (2002), Knight (2008), Rocha e Maciel (2015; 2016), Maciel e Vergara (2019), Kumaravadivelu (2012), entre outros.

Palavras-chave: Internacionalização. Prática local. Telecolaboração. Língua inglesa.

INTERNATIONALIZATION AS A LOCAL PRACTICE MEDIATED BY TELECOLLABORATION

Abstract: *In recent years, aspects of internationalization processes have been widely addressed in higher education institutions. This work presents an excerpt from my master's thesis that emphasizes a very striking particularity of these processes, the local practice. As an English language teacher and influenced by methodologies that encompass internationalization and globalization, I bring the Telecollaboration Project (GUTH and HELM, 2010; 2011; 2012) carried out at UEMS as an example of internationalization as a local practice. Telecollaboration is an online cultural exchange that refers to the activity of involving language students in interaction and in collaborative project work with partners from other cultures using digital communication tools and interfaces (O'DOWD, 2010). Based on qualitative analyzes, with aspects of the epistemology of emergence (SEOMERVILLE, 2007), I seek to understand how the actions of the project in question collaborate in the perceptions and construction of meanings of participants, teachers and future teachers of English, from Canada and Brazil - regarding English language teaching. To weave a better understanding about these issues, I used authors such as De Witt (2002), Knight (2008), Rocha and Maciel (2015; 2016), Maciel and Vergara (2019), Kumaravadivelu (2012) among others.*

Keywords: *Internationalization. Local practice. Telecollaboration. English language.*

¹ Mestre em Letras pela UEMS. Professora de Língua Inglesa no Colégio Militar de Campo Grande. ORCID: 0000 000159728707. E-mail: carlacorsinibr@yahoo.com.

Introdução

Nos últimos anos, as instituições de ensino superior são amplamente mobilizadas a contemplar aspectos de internacionalização, que possuem diferentes sentidos em diferentes contextos. Como forma de elucidar sua origem e seus significados, Knight (2008) aponta a internacionalização como um termo já existente há muito tempo, amplamente usado na ciência política e nas relações governamentais há séculos. No entanto, esse conceito começou a ser empregado na área educacional a partir dos anos 1980. Antes, em 1960, os termos mais utilizados eram cooperação internacional, relações internacionais e educação internacional, os quais se referiam principalmente a desenvolvimento de projetos, estudantes estrangeiros e acordos acadêmicos internacionais e culturais (KNIGHT, 2008).

No século XXI, conforme Knight (2008), a realidade da globalização do mundo impacta diretamente na internacionalização, que por sua vez, torna-se um processo que integra as dimensões internacionais, transculturais e locais nos contextos de ensino, pesquisa e extensão no ensino superior. Para a mesma autora, essa dimensão internacional está ativa há séculos através da cooperação acadêmica entre universidades e da mobilidade de acadêmicos e conhecimento em todo o mundo (KNIGHT, 2014).

Ao longo do tempo, diversas análises sobre internacionalização foram realizadas, muitos entendimentos foram abordados, alguns se mantiveram, outros foram desconsiderados e novos surgiram. Além disso,

Uma das características mais marcantes desse processo se refere à internacionalização em casa ou como prática local, na qual não se trata apenas da mobilidade externa, mas sim, de pensar no internacional dentro do próprio campus da universidade. (MACIEL e VERGARA, 2019).

O estudo destacado, neste artigo, se caracteriza como qualitativo e interpretativo, com características da epistemologia pós-moderna da emergência (SOMERVILLE, 2012). Essa epistemologia mostra-se relevante no que diz respeito à geração de novos conhecimentos. Para Somerville (2012), a emergência é uma qualidade muito importante nas pesquisas por oportunizar os momentos de construção de novos saberes, à medida que os estudos e as análises acontecem nos espaços intermediários durante a criação do trabalho.

Sendo assim, as considerações abrangendo a internacionalização mediada pela telecolaboração foram orientadas sob essa nova teoria da representação, proposta por

Somerville (2007), que abrange múltiplos modos de expressão, desde histórias, danças, pinturas, etc. Nesses modos de expressão, esse estudo analisou inclusive algumas gravações de áudio. Como as tecnologias digitais tornaram isso mais possível, elas fazem parte dessa teoria, em que o foco está na criação de significado a partir do relacionamento entre os sujeitos envolvidos nesse processo de internacionalização como prática local. Portanto, a conceituação pós-moderna da emergência é importante, abrindo e não fechando oportunidades para a criatividade.

Geralmente, quando a palavra internacionalização vem à tona, termos como deslocamento geográfico e viagens para o exterior logo são associados a esse processo. Pesquisadores como Rocha e Maciel (2015) reconsideram a internacionalização local, ou internacionalização como prática local. Esses autores caracterizam-na como um exercício de mobilidade, no sentido de deslocamento de posições, discursos, perspectivas e de liberdade também. Portanto, nessa direção, para que se viva a diferença, é preciso “ouvir” o outro (em termos freireanos²), tratando da internacionalização como prática local com um olhar mais atento, no sentido de observar também como ela influencia na des/reconstrução dessas identidades, subjetividades e territorialidades (MACIEL e VERGARA, 2019).

A Telecolaboração é também conhecida como *Virtual Exchange* (Intercâmbio Virtual) ou *Online Intercultural Exchange* (Intercâmbio Intercultural Online) (O'DOWD & LEWIS, 2016). Sendo assim, ela propicia um intercâmbio linguístico e cultural sem os altos custos do deslocamento geográfico, além da experiência inovadora e dos benefícios linguísticos, culturais, sociais e pessoais.

Em contraste com muitas formas de aprendizagem *online* baseadas na transferência de informações por meio de palestras em vídeo etc., a telecolaboração baseia-se em abordagens centradas no aluno/participante, interculturais e colaborativas a fim de compreender como o conhecimento e a compreensão são construídos por meio da interação e negociação desse sujeito. Para Guth, Helm e O'Dowd (2012), a telecolaboração é uma abordagem mista, com o ambiente *online* potencializador do "campo" para a aprendizagem experiencial.

A definição de competência comunicativa intercultural que tem sido amplamente adotada na literatura de telecolaboração pauta-se no modelo de Byram (1997). Para ele,

² Ao escutar o outro, colocamo-nos no lugar de sujeitos que estão aprendendo. Ao ouvir o outro, não nos anulamos e nem mesmo nos tornamos concordantes totais daquela fala, pois o ouvir nos proporciona colocarmo-nos no lugar do outro, a partir do seu contexto e com isso, dialogar com as diferentes experiências. Dessa maneira, construindo de forma dialética, um novo ou enriquecido conhecimento.

alguém com algum grau de competência intercultural é alguém que é capaz de ver relações entre diferentes culturas - internas e externas a uma sociedade - e é capaz de mediar, isto é, interpretar cada um em termos do outro, seja para si ou para outras pessoas. É também alguém que tem uma compreensão crítica ou analítica de (partes de) suas próprias e outras culturas - alguém que é consciente de sua própria perspectiva, da maneira em que seu pensamento é culturalmente determinado, ao invés de acreditar que sua compreensão e perspectiva é natural. (BYRAM, 1997, p.9).

O projeto de Telecolaboração que acontece na UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul) através de um convênio de mobilidade acadêmica com uma universidade no Canadá, além de ser uma referência da internacionalização como prática local, é um projeto que aproxima alunos e professores brasileiros de alunos estrangeiros. Esse projeto é desenvolvido desde 2013, quando houve sua 1ª edição, e desde então, já teve três turmas com integrantes da UEMS de Campo Grande e da Glendon College - York University, do Canadá.

Os participantes desse projeto são alunos do curso de Letras de ambas universidades. No caso dos acadêmicos brasileiros, aqueles que possuem fluência em nível intermediário e/ou avançado para se comunicar em Língua Inglesa, que são ou serão futuros professores de língua inglesa participam do projeto. A colaboração acontece mediante a discussão de textos, em inglês, sobre educação. A leitura desses textos é abordada nos encontros *online*, em que o objetivo é que os alunos colaborem entre si, compartilhem suas experiências sobre a formação didática e percepção como professores de inglês.

O coordenador do projeto no Canadá, é o professor Ian Martin. Em uma entrevista publicada no *site* da UEMS³, em dezembro de 2017, ele afirma que o projeto de Telecolaboração é uma oportunidade de conversar com outro futuro professor e descobrir as semelhanças e as diferenças entre Brasil e Canadá. “O resultado é que os alunos canadenses comecem a ampliar os seus horizontes sobre a importância do inglês no Brasil. Percebem que apesar das diferenças nos dois sistemas educacionais, há muito em comum, como futuros professores do inglês”, comenta Ian Martin.

O professor argumenta, ainda, que o projeto é tão interessante que os encontros extrapolam o tempo combinado, tanto é que “Os canadenses apreciam muito seus bate-

³ Essa entrevista encontra-se disponível em: <<http://www.uems.br/noticias/detalhes/projeto-telecolaborativo-que-aproxima-brasil-e-canada-e-desenvolvido-na-uemscg-155609>>. Acesso em: 14 de outubro de 2019.

papos com seus parceiros brasileiros. Segundo a 'regra', as conversações devem durar uma hora, mas, muitas duram mais de duas ou até três horas. Eles têm tantas coisas para falar”, afirma Ian Martin.

Na mesma entrevista, o coordenador, no Brasil, professor Ruberval Franco Maciel, afirma que esse tipo de projeto aproxima os estudantes da UEMS de práticas de ensino de Línguas em outros contextos. O professor enfatiza que a mobilidade como prática local é justamente essa aproximação entre os alunos, tendo como estímulo a língua inglesa, com o propósito de conhecer outras realidades e contextos do ensino desse idioma.

Vale ressaltar que também existem outros dois estudos que mencionam o projeto de telecolaboração que acontece entre os alunos canadenses e os da UEMS. Moura (2017) e Bruz (2018) descrevem em suas pesquisas suas experiências transnacionais, oportunizadas através da mobilidade acadêmica, além de suas análises sobre a formação inicial e continuada de professores de inglês como língua internacional.

Conclusões

Dentro das atividades do projeto de telecolaboração, é perceptível que o uso da Internet transpõe barreiras geográficas e possibilita a abertura de fronteiras educacionais, tornando possível o encontro e a troca de experiências entre diferentes culturas e a possibilidade de parcerias antes inimagináveis (LEWIS, 2003). Por meio dela, muitos conhecimentos podem ser compartilhados e em função disso, experiências de aprendizado colaborativas se tornaram mais acessíveis.

Com relação ainda à questão da tecnologia, direciono meu posicionamento no que diz respeito à formação de professores, concordando com o ponto de vista de Brydon (2011). Para essa autora, viver no mundo contemporâneo requer habilidades de letramentos diferenciados, ou seja, multiletramentos e letramentos digitais para o exercício pleno das práticas sociais. Portanto, isso envolve interagir em diferentes plataformas, mídias ferramentas, bem com o reconhecimento de uma multiplicidade de práticas de linguagem.

A sociedade globalizada (MOITA LOPES, 2006; KUMARADIVELU, 2006; RAMPTON, 2006; BLOMMAERT, 2010) tem, como uma de suas características, o fato de promover e intensificar diferentes tipos de relação, sejam elas de ordem econômica,

social, cultural etc. Em função dos avanços tecnológicos nas áreas da comunicação e dos transportes, espaços, tempos e fronteiras tornaram-se conceitos permeáveis.

As sociedades de conexões rápidas nas quais vivemos, na contemporaneidade, inscrevem-se em esferas, onde o tempo e o espaço são valores fugazes e transitórios (BAKHTIN, 2006), diferentemente das sociedades tradicionais, nas quais as relações sociais se davam em tempo e espaço situados e definidos geograficamente.

Diante de tudo isso, é impossível não perceber o quanto esse processo de globalização também contribuiu e vem contribuindo na transformação da comunicação em suas diversas formas. Sendo assim, ressalto o quanto a diversidade linguística cresce no mundo, para além das formas de se comunicar e das maneiras de comunicação, que hoje, graças aos mais variados ambientes em rede, faz com que isso aconteça em tempo real.

Evidentemente, nessa conjuntura, a possibilidade de se comunicar em mais de uma língua, seja na fala ou na escrita, ou até mesmo através das leituras *online*, é algo mais do que contemporâneo e global. Nesse contexto, o conhecimento, o domínio e o uso de várias línguas na sociedade atual, torna-se muito importante.

Uma das principais barreiras ao desenvolvimento da troca virtual, segundo O’Dowd (2018), tem sido a falta de consciência do valor educacional da atividade por aqueles que estão à frente das decisões educacionais e financeiras, o que não foi o caso do projeto de telecolaboração desenvolvido na UEMS. Existem também, ainda de acordo com esse autor, outros aspectos desfavoráveis relacionados à telecolaboração. Um exemplo é o acesso limitado à tecnologia pelos alunos, as competências digitais limitadas de alguns professores, as diferenças de fuso-horário que dificultam a comunicação síncrona e a resistência institucional à oportunidade de aprendizagem que a troca virtual pode envolver. No entanto, nos últimos anos, vários desenvolvimentos sugeriram que a atividade está crescendo em importância. À medida que cresce a consciência do potencial educacional da aprendizagem telecolaborativa, O’Dowd (2018) afirma que muitos educadores estão integrando a colaboração intercultural *online* com outras formas de instrução e programas de estudo.

Nos excertos de interações ao longo do estudo acerca do projeto de telecolaboração, que aconteceu entre alunos da UEMS e alunos canadenses da universidade de Glendon foram identificadas algumas percepções, momentos transculturais e emergências dentro desse contexto telecolaborativo. E essas emergências talvez possam oportunizar que outras ideias e interpretações acerca da

aprendizagem via telecolaboração venham à tona. Isso, no sentido de que as negociações entre os participantes, no caso de professores e futuros professores de inglês, se constituam como uma parte importante da reflexão e ressignificação de suas práticas docentes.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006[1952-1953/1979].

BLOMMAERT, J. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BOURDIEU, P. **Language and Symbolic Power**. Cambridge: Polity Press, 1991.

BRUZ, I. M. **Formação inicial de professores de língua inglesa como língua internacional: uma experiência transnacional**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2018.

BRYDON, D. Local needs, global contexts: learning new literacies. In: MACIEL, R. F., ARAÚJO, V. de A. (Orgs.). **Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas**. Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

BYRAM, M. **Teaching and assessing intercultural communicative competence**. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

DE WIT, H. **Internationalization of Higher Education in the United States of America and Europe: a historical, comparative, and conceptual analysis**. Greenwood Studies in Higher Education, 2002.

GUTH, S.; HELM, F. Introduction. In S. Guth; F. Helm (Eds.), **Telecollaboration 2.0: Language, literacy and intercultural learning in the 21st century** (pp. 69 – 106). Bern: Peter Lang. 2010.

_____. Developing multiliteracies in ELT through telecollaboration. *ELT Journal*, 66(1), 42–51. <https://doi.org/10.1093/elt/ccr027>. 2011.

GUTH, S., HELM, F.; O'DOWD, R. **University language classes collaborating online. A report on the integration of telecollaborative networks in European**

universities. 2012. Acesso em 02 Ago 2018 disponível em http://intent-project.eu/sites/default/files/Telecollaboration_report_Final_Oct2012.pdf

KNIGHT, J. **Higher education in Turmoil: The changing world of internationalization.** Rotterdam: Sense Publishers. 2008.

_____. Is internationalization of Higher Education having an identity crisis? In: MALDONADO, A & BASSET, R.M., **The Forefront of International Higher Education.** Springer Dordrecht New York London, 2014.

KUMARAVADIVELU, B. **Language Teacher Education for a Global Society: a modular model for knowing, analysing, recognizing, doing, and seeing.** New York and London: Routledge, 2012.

_____. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 129-148.

LEWIS, T. The case for Tandem Learning. In: LEWIS, T.; WALKER, L. (Eds.) **Autonomous Language Learning In-Tandem.** Sheffield, UK: Academy Electronic Publications, 2003, p 13-26.

LEWIS, T. & O'DOWD, R. **Online Intercultural Exchange – Policy, Pedagogy, Practice.** New York, NY, Routledge, 2016.

MOITA LOPES, C. L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea. Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística indisciplinar** São Paulo: Parábola Editorial, p. 85-107, 2006.

MACIEL, R. F. e VERGARA, V. S., Um olhar situado sobre o papel da língua no English Club e no Curso de Medicina. **Revista Oregon.** UFRGS. 2019.

MOURA, G. H. C. **Um olhar para a formação de um professor de língua inglesa em contexto transnacional/transcultural: Brasil-Canadá-Cuba.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. 2017.

O'DOWD, R. From telecollaboration to virtual exchange: State-of-the-art and the role of UNICollaboration in moving forward. **Journal of Virtual Exchange**, 1, 1–23. 2018.

RAMPTON, B. **Language and late modernity. Interaction in an urban school.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Internacionalização Do Ensino Superior Como Prática Local: Implicações Para Práticas Educativas. 2015. Em: **INTERLETRAS**, ISSN N° 1807-1597. V.6, Edição número 24, de Out de 2016 a Abr 2017
http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n24/conteudo/artigos/12.pdf

SOMERVILLE, M. Postmodern emergence. **International Journal of Qualitative Studies in Education** 20(2): 225–243, 2007.

_____. The critical power of place. In: SR Steinberg & GS Cannella (eds), **Critical Qualitative Research Reader**. p. 67-81. New York: Peter Lang, 2012.